

Algumas das fíbulas do distrito de Setúbal

Salete da Ponte*

Resumo

Publicam-se seis fíbulas encontradas na área de Setúbal, sendo quatro da serra de S. Luís (Pedrão) e duas da cerca do Castelo de Sines. Os n.ºs 2 e 3 foram achados em contextos de datação segura no século I d.C.; os restantes sem qualquer referência estratigráfica, são datados por comparação com paralelos provenientes de outros sítios. O n.º 6 é um modelo do Baixo Império, raro em Portugal.

Résumé

Six fibules provenant du district de Setúbal: les n.ºs 1-4 ont été trouvées à la Serra de S. Luís (Pedrão); les deux autres dans la cour intérieure du château de Sines. Les n.ºs 2 et 3 se situaient dans les couches du 1er siècle ap. J.-C. Découvertes hors stratigraphie les autres ne peuvent être datées que par comparaison. La fibule n.º 6, attribuée au Bas-Empire, est rare au Portugal.

* Museu Monográfico de Conímbriga.

Este artigo reúne seis fibulas de bronze que provêm do Pedrão (n.ºs 1-4) e da cerca do Castelo de Sines (n.ºs 5-6) e que se encontram, respectivamente, no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e no Museu Arqueológico Municipal de Sines.

O n.º 1¹ integra-se no tipo 4h de Schüle², mais vulgarmente conhecido por fibula de tipo transmontano.

O perfil do arco e as nervuras circulares de um dos seus extremos têm paralelo em vários exemplares de Vaiamonte³. Esta modalidade, datada entre os finais do século IV a.C. e o período republicano⁴, aparece todavia em Conímbriga⁵ e Monte Mozinho⁶ em horizontes estratigráficos do século I d.C.

Os n.ºs 2-3 correspondem ao grupo de fibulas de tipo Nauheim⁷, que apresentam o arco, a mola e o fusilhão feitos de um só arame. Esta classe engloba várias modalidades que se caracterizam, essencialmente, pelo perfil do arco, do pé e do descanso; o arco, de feição triangular, é de secção variável; a mola bilateral é de corda interior ou exterior ao arco e consta de quatro voltas; o descanso ora é de feição triangular ora quadrangular; o pé, direito ou encur-

¹ No museu setubalense a fibula encontra-se exposta juntamente com um apêndice caudal e uma mola bilateral que todavia não lhe pertencem. O apêndice caudal (alt. 32 mm; larg. 9 mm) tem a forma balaústre; da mola bilateral (comp. 20 mm) restam sete voltas e parte da corda interior ao arco; e o eixo é de ferro. Estes dois elementos têm o mesmo número de inventário da peça ilustrada: Pd/520.

² Cf. SCHÜLE, W., *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, p. 148, fig. 59, f.; cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *Trouvailles Diverses — Conclusions Générales*, "Fouilles de Conímbriga", VII, Paris, 1979, p. 115.

³ Cf. PONTE, S., *Fibulas de Vaiamonte (Monforte)*, comunicação apresentada ao "3.º Colóquio Internacional de Línguas e Culturas Páleo-Hispânicas", Lisboa, 1980, n.ºs 18-20, 23.

⁴ Cf. SCHÜLE, W., *op. cit.* (v. nota 2), p. 150.

⁵ Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2), p. 115, est. XXV, 23, 25, 27.

⁶ Cf. ALMEIDA, C. A. F., *Escavações no Monte Mozinho*, II, 1975-1976, Penafiel, 1977, p. 16.

⁷ Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2), p. 117.

vado, termina, por vezes, num botão ou num pequeno travessão transversal; o fusilhão é sempre recto. Assim, o n.º 2 integra-se no tipo B de Camulodunum⁸, que apresenta um arco de feição triangular, ligeiramente alteado no ombral, pé direito e descanso quadrangular e vasado a meio. Esta modalidade ocorre com frequência no mundo romano, nomeadamente em Camulodunum⁹, Hod Hill¹⁰, Fishbourne¹¹ e Verulamium¹² no século I-II d.C.; no entanto, alguns exemplares de Conímbriga¹³ apareceram associados a material dos finais do século I a.C. e meados do século I d.C. num nível de enchimento das termas trajânicas¹⁴; o n.º 2 foi também recolhido num nível de ocupação romana (século I d.C.)¹⁵; conhecemos, ainda, outros modelos em Miróbriga¹⁶ e Vaiamonte¹⁷, mas desprovidos de quaisquer dados estratigráficos.

O n.º 3 corresponde ao tipo E de Camulodunum, que apresenta um arco alteado no ombral, de secção circular ou semicircular; o pé destaca-se do arco e forma um ângulo obtuso; termina num botão (n.º 3) ou num pequeno travessão; o descanso é de feição quadrangular; a mola é bilateral, de corda interior ao arco e consta de quatro voltas. Esta modalidade surge em Aislingen e Burghöfe¹⁸, Straubing¹⁹ e Heddenheim²⁰ entre meados do século I d.C. e os finais do século II d.C.; os modelos de Vaiamonte²¹ e de Conímbriga²² não nos fornecem dados estratigráficos seguros; o n.º 3 foi, por sua vez, recolhido num nível de ocupação romana do povoado de Pedrão²³.

⁸ Cf. HAWKES, F. C.; HULL, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester 1930-1939*, Oxónia, 1974, pp. 312-313.

⁹ Cf. HAWKES, F. C.; HULL, *op. cit.* (v. nota 8), p. 322, est. 92, n.ºs 56-58.

¹⁰ Cf. BRAILSFORD, J. W., Hod Hill I. *Antiquities from Hod Hill in the Durden Collection*, Londres, 1962, p. 7, C18-C26. Este autor data-os de Cláudio-Nero.

¹¹ Cf. CUNLIFFE, B., *Excavations at Fishbourne 1961-1969*, Leeds, 1971, pp. 100-107, p. 100, figs. 36-37. O autor data-os de 75/80-100 d.C.

¹² Cf. FRERE, S., *Verulamium. Excavations*, I, Oxónia, 1972, p. 114, fig. 29, n.º 1 (135-145 d.C.), n.º 2 (75 d.C.).

¹³ Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2), p. 117, est. XXVI, 41-42.

¹⁴ Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2), p. 117.

¹⁵ Cf. SOARES, J.; SILVA, C. T., *Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal)* "Actas das II Jornadas Arqueológicas", I, Lisboa, 1973, pp. 245-280, 249-250, 274, est. IX, 66.

¹⁶ Cf. PONTE, S., *As fibulas de Miróbriga*, "Setúbal Arqueológica", 1981/82, n.º 9.

¹⁷ Cf. PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 3), n.ºs 57-67.

¹⁸ Cf. ULBERT, G., *Die römische Donau-Kastelle Aislingen und Burghöfe*, Berlim, 1959, p. 64, est. 14, 8.

¹⁹ Cf. WALKE, N., *Das römische Donau-Kastelle Straubing-Sorviodurum*, Berlim, 1965, p. 147, est. 93, 2.

²⁰ Cf. FISCHER, U., *Grabungen im römischen Stein-Kastell von Heddenheim 1957-1959*, Frankfurt, 1973, p. 98, fig. 22, 4.

²¹ Cf. PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 3), n.ºs 72-74.

²² Cf. PONTE, S., *Fibulas pré-romanas e romanas de Conímbriga*, "Conímbriga", XII, 1973, pp. 159-197, 178, est. IV, 16; Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2) pp. 117-118, est. XXVI, 44.

²³ Cf. SOARES, J.; SILVA, C. T., *op. cit.* (v. nota 15), pp. 249-250, 273, est. IX, 65.

Os n.ºs 4-5 pertencem ao grupo de fibulas de “Charneira e Arco Triangular”, ou seja, ao tipo 28 de Ettlinger²⁴. Esta categoria agrupa diversas modalidades que diferem entre si, ou porque apresentam um arco e descanso de feição triangular ou quadrangular, ou porque o pé longo ou curto termina num botão ou num anel atravessado por um eixo com botões.

A modalidade mais vulgar no mundo romano, nomeadamente no nosso território²⁵, é a que apresenta o arco de feição triangular e descanso quadrangular.

Esta categoria é largamente representada em Vindonissa²⁶, Alésia²⁷, Pommiers (Aisne)²⁸, Verulamium²⁹ e Conímbriga³⁰ desde a 2.ª metade do século I a.C. à metade do século I d.C.

O n.º 6, ao apresentar bolbos terminais no eixo, no pé e parte superior do arco, faz lembrar alguns modelos do grupo de fibulas de tipo “Bügelknopffibeln”³¹, tão correntes na Europa central, nomeadamente na Alemanha³², nos séculos IV-V d.C.; porém, o nosso exemplar tem, na face anterior do arco, não uma placa, mas duas chapas paralelas que suportam o eixo, a mola e o fusilhão; julgamos que este exemplar deveria ter uma mola bilateral de corda interior ao arco, como faz supor a curvatura superior do fusilhão e o espaço compreendido entre os dois bolbos terminais do eixo; o fusilhão, por sua vez, constitui uma peça independente, ao contrário do que se observa na maior parte dos modelos de tipo “Bügelknopffibeln”³³; nestes exemplares, a mola bilateral resulta do fusilhão e o descanso é, em regra, de forma quadrangular e soldado na face anterior e a meio do pé. É o caso dos modelos de Fishbourne³⁴ e Saalburg³⁵.

²⁴ Cf. ETLINGER, E., *Die römischen Fibeln in der Schweiz*, pp. 89-92, est. 8, 6-18, est. 9, 1-5.

²⁵ Cf. PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 3), 75-79; cf. PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 16), 10-13; cf. PONTE, S., *Algumas fibulas do concelho de Sintra*, “Boletim Cultural de Sintra”, I, 1982, n.º 7-8 (Ota - Alenquer); cf. PONTE, S., *Uma colecção de fibulas do distrito de Santarém*, “Boletim Distrital de Lisboa”, 10, 1982 (Castro de S. Salvador - Santarém).

²⁶ Cf. ETLINGER, E., *op. cit.* (v. nota 24), pp. 89-92.

²⁷ Cf. FEUGÈRE, M., *Les fibules Gallo-romaines du Musée Denon à Châlon-sur-Saône*, “Mémoires de la Société d'Histoire et d'Archéologie de Châlon-sur-Saône”, XLVIII, 1977, pp. 77-158, 116, fig. 12.

²⁸ Cf. FEUGÈRE, *op. cit.* (v. nota 27), p. 116, fig. 11.

²⁹ Cf. FRÈRE, S., *op. cit.* (nota 12), pp. 13, 116, fig. 30, 18. O autor data-o de 43-60 d.C.

³⁰ Cf. ALARCÃO, A. M.; PONTE, S., *op. cit.* (v. nota 2), pp. 118-119, est. XXVII, 47, 50; o primeiro foi achado num nível trajânico da zona do templo.

³¹ Cf. BÖHME, A., *Die Fibeln der Kastele Saalburg und Zugmantel*, “Saalburg-Jahrbuch”, XXIX, Berlim, 1972, pp. 5-112, 35-36, est. 23, 921-924.

³² Cf. BRODRIBB, A. C. C.; HANDS, A. R.; WALKER, D. R., *Excavations at Shakenoak farm, near Wilcote, Oxfordshire*, III, 1972, p. 82.

³³ Cf. BÖHME, A., *op. cit.* (v. nota 31), pp. 35-36.

³⁴ Cf. CUNLIFFE, B., *op. cit.* (v. nota 11), p. 104, fig. 39, n.º 36 (fins do III - inícios do IV d.C.) e n.º 38 (finais do III d.C.).

³⁵ Cf. BÖHME, A., *op. cit.* (v. nota 31), est. 23, 923-924. O autor data-os de 300 a V d.C.

Para o nosso exemplar, conhecemos alguns paralelos aproximados em Vindonissa³⁶, Shakenoak³⁷ e Saalburg³⁸, dos séculos IV-V d.C.

Esta modalidade é frequente no sul da Escandinávia, Inglaterra, Alemanha³⁹, Alpes e Espanha⁴⁰, nos séculos IV-V d.C., apesar de a detectarmos na 2.^a metade do século III d.C. na Alemanha e na Inglaterra⁴¹, onde o descanso e a charneira em bisagra anunciam já o modelo clássico.

Catálogo

1. Fíbula tipo Schüle 4h (transmontano). Inv. n.º Pd/520. O arco aperaltado e de secção semicircular é decorado na parte superior do olhal por uma incisão em cruz; um dos extremos do arco é sublinhado por molduras circulares. O pé é curto e o descanso é de feição triangular. Comprimento do arco: 51 mm; altura: 35 mm. Proveniência: Serra de S. Luís (Pedrão).
2. Fíbula tipo Camulodunum B (tipo Nauheim). Inv. n.º Pd/17. O arco de feição triangular é sublinhado por duas molduras transversais. Da mola resta apenas uma volta; o descanso está incompleto. Comprimento do arco: 69 mm; altura: 23 mm. Proveniência: Serra de S. Luís (Pedrão).
3. Fíbula tipo Camulodunum B (tipo Nauheim). Inv. n.º Pd/18. O arco aperaltado é de secção rectangular; a mola bilateral e de corda interior ao arco consta de quatro voltas; o pé termina num botão; o descanso é de feição quadrangular e possui um pequeno orifício circular, destinado ao fusilhão. Comprimento total: 575 mm; altura: 30 mm. Proveniência: Serra de S. Luís (Pedrão).
4. Fíbula tipo "Charneira e Arco Triangular" (tipo Ettliger 28). Inv. n.º Pd/521. O arco, de feição triangular, é decorado longitudinalmente por seis nervuras. O eixo é de ferro; o pé termina numa curta protuberância; o descanso é de feição quadrangular. Comprimento total: 41 mm; altura: 25 mm. Proveniência: Serra de S. Luís (Pedrão).
5. Idem. O arco de feição triangular é decorado a meio e longitudinalmente por um motivo em espinha; o eixo é de ferro; o pé termina num pequeno botão; o descanso é de feição quadrangular. Comprimento total: 50 mm; altura: 20 mm. Proveniência: Cerca do Castelo de Sines (1961/62).

³⁶ Cf. ETTLINGER, E., *op. cit.* (v. nota 24), pp. 30, 150, est. 17, 9.

³⁷ Cf. BRODRIBB, A. C. C.; HANDS, A. R.; WALKER, D. R., *op. cit.* (v. nota 32), p. 80, fig. 33, 1, 7.

³⁸ Cf. BÖHME, A., *op. cit.* (v. nota 31), p. 36, est. 23, 921-924.

³⁹ Cf. BRODRIBB, A. C. C.; HANDS, A. R.; WALKER, D. R., *op. cit.* (v. nota 32), p. 82; cf. CUNLIFFE, B., *op. cit.* (v. nota 11), p. 104. Este autor cita vários exemplos na Inglaterra, nomeadamente em Lincoln (2), Londres, Leicester, Waler Newton e Newstead.

⁴⁰ Cf. ETTLINGER, E., *op. cit.* (v. nota 24), p. 149.

⁴¹ Cf. BÖHME, A., *op. cit.* (v. nota 31), p. 35, est. 22, n.ºs 879, 882 (Zugmantel); cf. NEAL, D. S. *The excavation of the roman villa in Gadebridge Park Hemel Hempstead 1963-68*, Londres, 1974, p. 127, fig. 55, n.º 25; Cf. BRODRIBB, A. C. C.; HANDS, A. R.; WALKER, D. R., *op. cit.* (v. nota 32), I, 1968, fig. 27, 7 (séc. III d.C.), p. 95.

6. Fíbula tipo “Bügelknopffibeln”. O arco é de secção semicircular e termina superiormente por um botão bicónico; na sua face anterior e sob o botão dispõem-se duas placas paralelas soldadas destinadas à passagem do eixo que termina em botões bicónicos; a meio do eixo destaca-se o fusilhão; o pé, longo e afunilado, é de feição triangular e termina num botão de recorte idêntico aos anteriores; o descanso é de feição quadrangular e soldado no reverso do pé. Comprimento total: 80 mm; altura: 23 mm. Proveniência: Cerca do Castelo de Sines (1961/62).

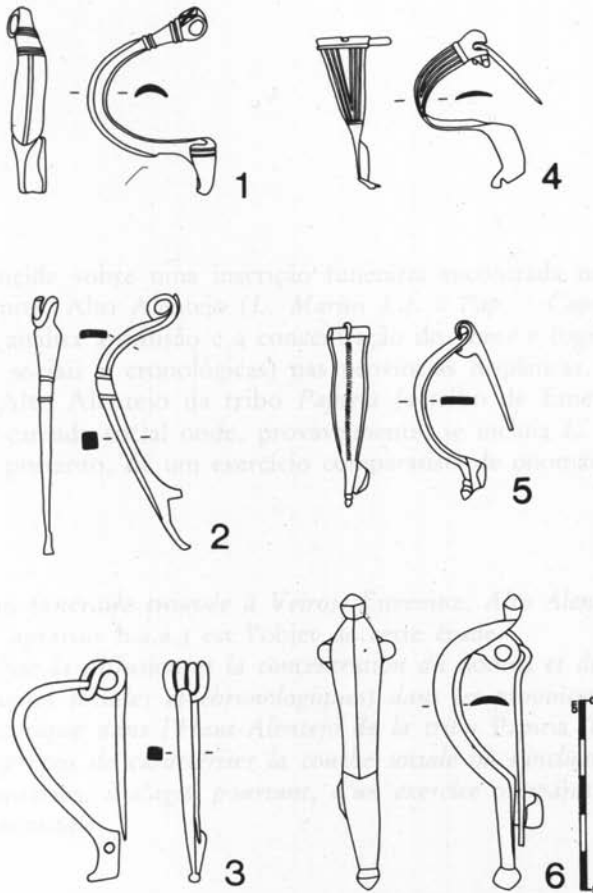


Fig. 1 — Algumas fíbulas do distrito de Setúbal. Esc. 1:2.

de bătălie, în care a fost învingut și rănit grav. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană. După ce s-a recuperat și a fost trimis în spital, a fost diagnosticat cu meningită bacteriană.

Fig. 1

1. Faza de incubație - durata medie de 10-15 zile, simptomele sunt similare cu cele ale gripei, febră, tuse, dureri în gât, stare generală de rău.

2. Faza de dezvoltare - febră continuă, durerea în gât devine intensă, tuse și stare generală de rău persistă, pot apărea erupții cutanate.

3. Faza de declin - febra scade, durerea în gât și tuse se ameliorează, stare generală de rău persistă.

4. Faza de convalescență - febra și simptomele dispar, pacientul se simte bine și revine la starea normală.

5. Faza de recurență - în unele cazuri, simptomele pot reapare după o perioadă de remisie.

6. Faza de rezoluție - pacientul se recuperează complet și nu prezintă simptome.

7. Faza de vindecare - pacientul este sănătos și nu prezintă simptome.

8. Faza de recuperare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

9. Faza de readaptare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

10. Faza de consolidare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

11. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

12. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

13. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

14. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

15. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.

16. Faza de finalizare - pacientul revine la starea normală și nu prezintă simptome.